

Resenha

Integrando a Ilha: as visões dos brasileiros sobre eles mesmos e sobre a América hispânica¹

Luís Cláudio Villafañe G. Santos*

O livro “Bridging the Island” de Ori Preuss, professor do Instituto de História e Cultura da América Latina da Universidade de Tel Aviv, é uma adaptação de sua tese de doutorado defendida, em 2005, na Universidade da Flórida. O texto da tese, ademais de referir-se, já no título, apenas à percepção das elites (que é o que, de fato, é tratado), remetia a um período menos extenso (1888-1912) do que o analisado no livro.

De acordo com suas próprias palavras, o objetivo principal da obra é “identificar algumas grandes mudanças e continuidades de perspectivas [da elite brasileira sobre a América hispânica] através de diversas figuras que desempenharam papéis-chave a este respeito, articulando suas reflexões sobre os vizinhos do Brasil com outras formas de interações luso-hispano-americanas nos domínios da cultura e da diplomacia” (pág. 23). Para tal, o autor centrou sua análise em textos de Quintino Bocaiuva, Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Rio Branco e Oliveira Lima.

O tema da percepção e representação das alteridades e identidades entre os países latino-americanos, em especial entre o Brasil e seus vizinhos hispano-americanos, vem ganhando merecida atenção e o livro de Preuss constitui-se em uma bem-vinda contribuição para esse debate. Ao longo de sua argumentação, o autor desafia a interpretação hoje geralmente aceita de que, em geral, os intelectuais e governos brasileiros e hispano-americanos não consideravam o Brasil como parte da América Latina pelo menos até a segunda metade do século XX. A própria ideia de América Latina, a despeito de suas raízes no século XIX, só vai se consolidar por essa época.²

Para Preuss, já ao fim do Império, em especial após a abolição, e nos anos iniciais da República as primeiras pontes entre a identidade brasileira e uma ideia maior de América Latina teriam começado a ser construídas, quebrando a insularidade do Brasil em relação a seus vizinhos. De fato, a virada do século XIX para XX foi um período de intensas mudanças no modo em que os países do continente concebiam suas identidades e alteridades. As independências dos países hispano-americanos, no mesmo diapasão dos Estados Unidos, se fizeram tendo como base uma ideia de ruptura com o Antigo Regime e, portanto, com a Europa das monarquias. A despeito do intenso processo de construção e, por que não, de invenção de identidades locais, prevalecia uma noção genérica de uma identidade “americana”. O Brasil era uma exceção, que via em seus vizinhos (e nos Estados Unidos) o “outro”, ao que contrapunha uma identidade de sua monarquia com a “civilização” europeia. Nessa clivagem entre a América

1 PREUSS, Ori. *Bridging the Island: Brazilians' Views of Spanish America and Themselves 1865-1912*. Madri: Iberoamericana, 2011, p. 237. ISBN 978-1-936353-02-6

* Historiador e diplomata. Autor de diversos livros sobre história das relações internacionais do Brasil, entre os quais “O Dia em que Adiaram o Carnaval” (2010) e “O Evangelho do Barão” (2012) (l_c_villafane@yahoo.com).

2 Ver, entre outros, BETHELL, Leslie. “O Brasil e a ideia de América Latina”. In *Estudos Históricos* 22: 44 (2009). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862009000200001 Acesso em 25/01/2013.

e a Europa, em um desafio à geografia, o Império brasileiro imaginava-se europeu e, portanto, superior em termos de civilização.³

Nas duas últimas décadas do século XIX e no anos iniciais do novo século essa equação se modificou. Os Estados Unidos, em particular após a guerra contra a Espanha, passaram a representar o principal foco de alteridade para os países hispano-americanos e, inclusive, a ex-metrópole passou a ser revalorizada. O jogo da identidade/alteridade hispano-americana passou a girar em torno da fórmula proposta por Rodó em 1900: Ariel versus Calibã.⁴ Os Estados Unidos passaram a representar a alteridade mais importante contra a qual as nações hispano-americanas se definiam.

O caso brasileiro foi mais complexo. A identidade do Brasil monárquico era, em larga medida, anti-americana, no sentido não só de anti-estadunidense, mas principalmente anti-hispano-americana. A partir de 1870, abre-se uma batalha ideológica em torno do caráter “americano” da identidade brasileira. “Somos da América e queremos ser americanos”, proclamou o Manifesto Republicano. A progressiva identificação das elites brasileiras com os Estados Unidos, ao tempo em os vizinhos do continente passavam a substituir a Europa (em especial a Espanha) por Washington como o “outro”, não se traduziu necessariamente por uma busca de identidade com os vizinhos hispano-americanos. É de se destacar, no entanto, e este ponto está muito bem ilustrado na obra de Preuss, houve uma importante reversão nas relações com a Argentina, que passou a ser (junto com o Chile, cuja valorização aos olhos das elites brasileiras já vinha desde o Império) uma importante fonte de referência e mesmo de emulação para as elites da jovem república. A explicação para essa transformação reside, em grande medida, no extraordinário momento de prosperidade vivido pela nação platina.

De fato, pela fraqueza do Brasil, convulsionado no início do período republicano, e pela pujança argentina na virada para o século XX, seria absurdo conceber que a política intervencionista do Império no Prata poderia ser mantida. A aproximação com a Argentina, em “encontros imediatos do tipo periférico” (na metáfora de Preuss) e depois pela ideia de “Paz e Concórdia” são exemplos de uma política realista: transformar a necessidade em virtude.

Ao realçar essa aproximação com a Argentina, Preuss traz uma contribuição importante para o debate sobre a identidade brasileira construída a partir da política internacional. Ao negligenciar as visões das elites brasileiras sobre os demais países do continente, que seguiram de forma geral centradas na ideia de alteridade, Preuss, no entanto, generaliza de forma equivocada. A noção do Brasil como parte da América Latina, bem como a própria consolidação desse conceito, só vai se operar bastante mais tarde. Em todo caso, na linha do próprio título da obra, o realce dado às primeiras pontes construídas para aproximar a identidade brasileira de seus vizinhos justifica plenamente a boa investigação do autor.

Recebido em 26/03/2013

Aprovado em 29/04/2013

3 SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: UNESP, 2004.

4 RODÓ, José Enrique. *Ariel*. 1ª Edição, 1900. Texto completo disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/ariel-0/html/> Acesso em 28/01/2013.